

Em algum lugar do Universo
A História de Donald & Oliver

Lia Totty

Este livro é dedicado a todos os cães que através dos tempos têm proporcionado tantas alegrias aos seres humanos com seu afeto e dedicação, e em especial aos meus dois fiéis escudeiros Donald & Oliver, por tantas alegrias que me deram.

*Agradecimentos
A Jesus por todas as bênçãos,
ao meu filho por todo apoio,
a Kiko, Kim, Donald & Oliver pelo amor e
carinho,
ao Dr Fernando Cesar Patitucci pela dedicação.*

Nota da Autora

Ao norte do Oceano Atlântico entre a Escócia e a Noruega ficam as Ilhas Shetland.

Este lugar de encantos e natureza predominante é formado por um conjunto harmonioso de cem ilhas de porte médio, e algumas outras de menor tamanho. Apenas quinze ilhas são habitadas.

O clima é frio e úmido na maior parte do ano devido à proximidade com o Círculo Polar Ártico, com chuvas, muito vento e tempestades. A neve é rara durante o inverno.

No verão as temperaturas ficam entre os 12°C e 17°C e a claridade dura no máximo dezenove horas, havendo uma espécie de crepúsculo constante, chamado pelos habitantes de Simmer Din. No final do outono e durante o inverno é possível ver a Aurora Boreal. O idioma é próprio. Nem inglês, nem escandinavo, sendo uma mistura de ambos, que só os habitantes compreendem.

A segunda principal cidade é Scalloway com aproximadamente mil habitantes, e é provida de um porto natural protegido pelo Oceano Atlântico por uma fileira de belas ilhas. Seu nome como a maioria dos nomes nas Shetland, tem origem nórdica e vem da expressão Skalavagr, baía de Skali, ou casa grande.

O solo é bastante árido e acidentado, dificultando o desenvolvimento da agricultura. A vegetação existente é praticamente a rasteira, e o celeiro das ilhas é o mar que as rodeiam, sendo que o comércio no século passado era movimentado pela pesca do

bacalhau, e atualmente pelo arenque e peixe de carne branca.

Por causa das constantes tempestades que varrem o norte do Oceano Atlântico dificultando a sobrevivência dos animais, o crescimento de vegetação, e o trabalho de plantio apenas para subsistência, os nativos optaram pela criação de animais de pequeno porte.

Os cães pastores desenvolvidos a partir da metade do século XIX, junto com os pequenos animais que viviam nas fazendas, passaram a ser uma característica das ilhas. O tamanho do cão pastor das ilhas foi desenvolvido para dar harmonia e facilidade na hora do pastoreio, uma vez que as ovelhas e pôneis também são pequenos.

O cão pastor das ilhas Shetland já era considerado raça pura desde 1870, mas só em 1914 a raça recebeu o nome de Pastor de Shetland, quando os amantes da raça na Inglaterra fundaram o English Shetland Sheepdog Club. Até esta data era conhecido como Shetland Collie.

A partir de 1890 a debandada da raça em seu lugar de origem foi alta, e fez com que fosse cruzado com alguns Collies para garantir a sua presença nas ilhas, alterando um pouco a sua altura. Era comum o Shetland Collie do final do século XIX e começo do século XX ter altura de até quarenta e cinco centímetros na cernelha, uma vez que a raça havia sido criada com base no acasalamento entre os Yakkis, cães nórdicos, e os ancestrais do Collie e Border Collie que viviam na região das Shetland.

Em 1890 na Inglaterra, uma raça já havia sido reconhecida desde 1886 como a maior do grupo *terrier*.

Depois de muitas seleções que começaram muito antes de 1853 pelos operários de Leeds, nascia o Airedale Terrier em 1864, nome escolhido por ter sido desenvolvido às margens do Rio Aire, próximo a um vale.

Os caçadores de lontra há muito precisavam de um cão ágil e esperto que conseguisse se movimentar pelos terrenos pantanosos, e buscar as lontras em seus esconderijos engenhosamente construídos.

E foi de uma ilha encantada e de um reino distante que saíram os dois personagens principais desta história. Um Pastor de Shetland e um Airedale Terrier que se tornaram amigos e vieram através dos tempos e da história vivendo mil aventuras, até chegarem ao Brasil.

Prólogo

Brasil – Cidade de São Paulo – Parque da Água Branca - 29/11/1998

“Naquele dia de domingo estava tendo início o Primeiro Campeonato Oficial de Agility do Brasil, um esporte que há pouco mais de um ano tivera o pontapé inicial no país.

Lembro-me que esperava ansioso pela hora da minha estreia junto com minha dona. Eu era o primeiro Pastor de Shetland do agility brasileiro, fato também histórico a ser comemorado, pois a

minha raça ainda não era muito conhecida no Brasil.

Em um canto da barraca da escola que eu frequentava com minha dona - que havia sido armada para abrigar os cães e seus donos - eu e meu amigo Oliver estávamos dentro das nossas caixas de transporte. Eu acabara de passar pelo exame médico e aguardava a minha vez de entrar na pista, e Oliver me acompanhava para assistir à minha estreia. Meu amigo Oliver também estava na mira de nossa dona para participar da divulgação do esporte junto comigo, mas nossas opiniões divergiam quanto à responsabilidade da tarefa. Enquanto pensava sobre tudo isso, de repente vi surgir na minha frente um cão de bela aparência e porte altivo, mas que eu ainda não havia visto nenhuma vez nos treinos. Senti minhas orelhas ficarem mais em pé do que já são e olhei para os lados para ver quem era seu dono, ou se havia escapado de seu alojamento. Oliver também olhava firme para ele e de dentro de sua caixa começou a rosnar. O cão se aproximou de mim e foi dizendo com ar amistoso:

_Olá, Donald. Que belo dia, não?

_Sim, está um lindo dia. Mas, quem é você?

_Eu sou Gorgo*, e fui enviado por meu mestre para lhe fazer um convite. Gostaria de saber como tem sido sua vida até aqui?

* Gorgo: diminutivo de Demogorgon, nome grego para demônio.

_Como assim? Eu sei como tem sido. Lembro-me de tudo desde o dia em que saí do canil e fui para casa da minha dona.

_Ora, Donald. Isso é só parte da sua história. Na verdade ela começa há muitos e muitos anos. Você passou por outras vidas e eu posso fazer com que se lembre delas.

Eu fiquei pensativo sem saber o que responder, escutando apenas os latidos e rosnados desesperados do Oliver, e a voz de nossa dona tentando convencê-lo a calar-se. Virei-me para o cão que aguardava minha resposta e disse:

_Não sei se seria uma boa ideia, e nem sei se acredito nisso. Como você poderia saber se eu mesmo não sei?

_Eu fui encarregado por Deus para tomar conta do reino animal e a mim foi dado o poder de fazer a regressão nos animais que se interessarem em saber de suas vidas passadas. Você deveria tentar. Vai saber como foram suas outras existências, e isso lhe dará melhor visão para executar sua missão na vida atual.

Ele falava com tanta convicção, que apesar de nunca ter ouvido falar nada sobre outras vidas, achei que talvez fosse hora de aprender algo sobre isso e aceitei. Então ele me disse: _Fique olhando dentro dos meus olhos sem desviar o olhar.

Enquanto ele falava, eu ouvia Oliver gritar desesperado para mim: _Não olhe, Donald. Não olhe. Resista e não olhe.

Mas, não sei como, meus olhos ficaram pesados e imóveis, presos aos de Gorgo, e eu não conseguia

desviar. Depois de alguns minutos senti uma grande sonolência e adormeci, mas antes, porém, ainda consegui perceber que uma luz azulada e intensa envolvia meu amigo Oliver, e me senti mais protegido, vendo que ele resolvera me acompanhar. Quando acordei estava numa ilha distante. Eu morava numa casa com outros cães da minha raça e era muito feliz.

Capítulo 1

Scalloway – Ilhas Shetland - 1911

O dia amanhecia em nossa pacata ilha de Scalloway. O mar estava calmo e os pássaros começavam a revoar, acrescentando mais encanto àquela paisagem que para mim parecia com as dos contos de fadas.

Numa pequena fazenda, ou “toon” - nome que os noruegueses davam às pequenas fazendas de Shetland - minha dona Emma MacDonald se preparava para mais um dia de trabalho duro. Havia muito que fazer. Era necessário aproveitar o início do verão para tosquiá-las as ovelhas. Logo o outono chegaria e isto se tornaria mais difícil, uma vez que mesmo no verão a claridade demorava a aparecer, e ao final da tarde já estava se despedindo. Emma, então, estocava o máximo possível de lã para confeccionar as roupas, mantas e xales que garantiam seu sustento e o de sua mãe. Trabalhava com muita habilidade no tear e produzia peças com pontos e coloridos variados, que conferiam um magnífico efeito ao final do trabalho. Havia aprendido com sua mãe. Tecia a lã intercalando

cores e pontos de uma forma que só as mulheres das ilhas possuíam o segredo. Conta uma lenda, que a técnica que na verdade consiste em não seguir regras e desenhos predeterminados, foi transmitida às mulheres da ilha através de um homenzinho misterioso que usou a teia de uma aranha para mostrar como tecer com capricho, e que apareceu algumas vezes para uma menina aleijada e muito pobre, que tecia meias e roupas para os pescadores para poder sobreviver. A menina aprendeu a tecer os mais finos e lindos pontos, e aos poucos foi ensinando às outras mulheres, e estas foram passando adiante. Até hoje, não existe nenhum lugar no mundo que confeccione malhas e pulôveres com a mesma beleza e perfeição que é confeccionada nas Shetland.

Muitas pessoas na ilha compravam os trabalhos de Emma, confiando no tratamento adequado que ela lhes dispensava para a manutenção da lã, e eu era testemunha do quanto se empenhava em fazer o melhor possível. Umedecia a lã assim que espalhava pelo chão, deixando secar ao sol e depois formava rolos que guardava em local fresco até serem usados por ela, ou vendidos. A técnica aplicada facilitava a confecção dos fios e manuseio no tear, além de facilitar o tingimento.

Desde o acidente com o barco há quase um ano, que levava de sua vida de uma só vez seu pai William e seu noivo Kevin, que Emma precisara assumir o controle da pequena propriedade, fazendo quase tudo sozinha. Fora impossível dar

continuidade ao trabalho de seu pai na construção de embarcações, ficando por sua conta a pequena plantação de subsistência que havia atrás da casa, a criação e tosa das ovelhas e a criação dos cães pastores, além do serviço da casa e dos cuidados com sua mãe que havia adoecido. Eu acompanhava tudo de perto. Nunca deixava Emma sozinha.

Contava então, com a ajuda de Albert, irmão de Kevin, na tosa das ovelhas e no corte da lenha para a lareira. Mas procurava não ocupá-lo. Sabia que o trabalho no estaleiro tomava bastante tempo, lhe rendendo um especial cansaço no final do dia. Albert assumira os negócios no lugar de Kevin, que se associara ao pai de Emma, e repassava para ela uma parte dos lucros, sabendo que a cunhada por mais habilidosa que fosse não teria a menor possibilidade de dar conta de tantos afazeres. Albert sabia o quanto Emma merecia que fosse honesto com ela, por todo amor, carinho e respeito que havia devotado ao seu irmão. E Kevin merecia todo aquele amor. Havia sido muito bom para Emma e sua família, e também comigo e todos os cães pastores da pequena fazenda onde morávamos. Sua mãe desde a morte do marido havia perdido a alegria de viver e vinha definhando a olhos vistos. Por mais que Emma tentasse lhe chamar de volta à vida, Elizabeth não reagia. Nem mesmo o trabalho no tear que tanto prazer lhe dava, não conseguia mais surtir bons efeitos.

Emma com os seus 53 kg e 1,60 m de altura, era bem disposta para o trabalho, e trazia na alma e na genética a herança viking dos seus antepassados, o

que fazia dela uma guerreira nata. A estrutura delicada era apenas um disfarce, não comprometendo em nada o desempenho de suas intensas atividades. Essa falsa aparência de moça frágil era complementada por cabelos cor de mel como os de seu pai, que usava compridos até a metade das costas em forma de trança, e por doces olhos azuis como os de sua mãe, que estavam sempre atentos a tudo o que acontecia ao seu redor. Emma era para mim uma fada. Em sua vida não havia espaço para dores e tristezas. Sentia saudade de seu pai e de seu noivo, mas sabia que era preciso continuar. Sentia saudade principalmente de Kevin e dos longos passeios que faziam. Um deles era sentarem-se próximo às ruínas do Castelo construído pelo Conde Patrick Stewart em 1600 e admirar as belezas da ilha. Ali falavam sobre o futuro, sobre a vida que construiriam juntos e os filhos que teriam.

Apesar do clima rigoroso e da pouca fertilidade do solo, as ilhas abrigavam uma variedade de mais de oitocentas espécies de plantas e flores, além de mais de quatrocentas espécies de aves marinhas que se revezavam entre as estações, conferindo-lhe um eterno ar de tranqüilidade e alegria, favorecendo agradáveis passeios a pé ou ciclísticos aos habitantes e turistas.

A família de Emma agora estava resumida a sua mãe e sua irmã Ethel, que havia se mudado para Leeds há alguns anos, depois de conhecer um visitante da ilha por quem se apaixonara e casara em seguida.

Quando o pai faleceu, Ethel insistiu para que ela e a mãe fossem para Leeds, mas Emma - assim como eu - amava a ilha e não queria deixá-la. Pelo menos não por enquanto. Não estava certa de que ela e sua mãe se acostuariam com uma cidade maior, sem a calma e a liberdade a que estavam acostumadas. Eram felizes podendo levar a vida sem pressa e parando para admirar a natureza, como era comum ao povo das ilhas.

Capítulo 2

Eram 07 horas da manhã quando Emma abriu a porta da pequena casa de pedras no alto da colina, que descia por um caminho serpenteado e ladeado por flores, chegando a um lago onde era comum serem vistas pequenas garças silenciosas, com a cabeça e o pescoço encolhidos junto ao corpo, esperando a hora certa de abocanharem suas presas. A pequena propriedade que como a maioria não se distanciava muito do mar, era rodeada de janelas de madeira pintadas de azul. Àquela hora a temperatura variava entre 08° e 10°, e a claridade mais intensa ainda demoraria a aparecer. A casa fora construída por seu bisavô paterno, e Emma sempre que fitava o horizonte, o fazia sem nunca poder deixar de sentir saudades de seu pai que tanto amara aquele lugar. Em pé na soleira, puxou em direção ao rosto para se proteger do vento frio o xale de lã colorida em que estava enrolada, e que cobria metade da saia de flanela que descia até o tornozelo. Grossas meias de lã forravam as botas de

couro que cobriam metade das pernas, completavam sua vestimenta. Respirou profunda e lentamente absorvendo o ar puro e fresco da manhã trazido pela brisa do mar, enquanto ouvia o farfalhar das folhas, o gorjeio dos pássaros, o balido das ovelhas e o relinchar de alguns pôneis. Depois de se sentir preenchida pela beleza natural e intocada pelas mãos do homem, e que tanto bem lhe fazia à alma, preparou-se para nos chamar e nos dar a refeição da manhã. Sorrindo, bateu com uma das vasilhas no chão e chamou nos chamou:

_Odin, Frigg, Njord, Skuld!!!

Não demoramos nada para sairmos correndo e latindo alegremente de dentro do galpão de madeira que Kevin havia construído para nós, e cercamos Emma pulando em suas pernas para alcançarmos as vasilhas. Eu só começava a comer depois que Emma me fizesse alguns carinhos. Para ela era uma cena que enchia os seus doces olhos. Podíamos sentir sua alegria quando estávamos por perto, principalmente depois que havia ficado praticamente só. Éramos nós que a ajudávamos nos trabalhos do dia-a-dia. Atrás da casa havia um terreno cercado onde eram plantados alguns alimentos para subsistência, e era necessário impedir os pôneis, ovelhas e pequenos bovinos que pastavam livremente pela vegetação de saltarem para dentro do cercado e arrasarem a plantação. Os cães pastores são os melhores para este trabalho, e nós os Shetland Collies, não éramos diferentes. Trazíamos na genética a fibra dos cães pastores nativos da ilha, somada à dos Yakkis - cães

pastores trazidos pelos islandeses em seus navios baleeiros – engrossada pelo cruzamento com os nossos primos Collies e Borders. Eu era descendente de Lerwick Jarl, o cão pastor mais famoso das ilhas, que apesar de jamais ter sido registrado, deu origem a inúmeros campeões da raça.

Na hora de juntar as ovelhas e levá-las para o aprisco, éramos nós que ajudávamos. Cercávamos gansos e marrecos para que não invadissem os terrenos, levando-os de volta para seus abrigos. Quando alguém ou algum animal se perdia, éramos nós que o encontrávamos até mesmo se estivesse soterrado sob a neve. O nosso faro era um dos motivos de sermos tão procurados para os trabalhos nas buscas. Disposição e habilidade não nos faltavam para guardar, arrebanhar, encontrar e defender.

Emma nos amava igualmente, mas tinha uma afeição especial por mim. Sabia que eu era sempre o mais atento a todos os seus movimentos, e a seguia por todo lugar por onde fosse durante o dia. Quando a noite chegava e Emma se recolhia, muitas vezes eu ainda ficava rondando a porta na esperança que ela me deixasse entrar e dormir aos seus pés. Mas, Emma sabia que se me deixasse entrar, teria que permitir que Njord, Skuld e Frigg também entrassem, pois não conseguiria fazer uma distinção tão acentuada entre os quatro. E ainda por cima, a casa não comportava tantos cães assim. Eu então me deitava na soleira até que ela apagasse a luz, e só depois me recolhia ao galpão.

Minha pelagem era farta nas cores preta e branca, sendo que a cor preta predominava; a cor branca como a neve era vista ao redor do meu pescoço formando um colar, no peito, na ponta da cauda, nas quatro patas e no ventre; minha altura ficava em torno de quarenta e três centímetros; minhas pequenas orelhas eram perfeitamente inseridas no alto do crânio, portadas para trás quando estava calmo, ou viradas para frente e semi-eretas quando ficava atento. De acordo com as descrições que Emma fazia a meu respeito, meu andar era nobre e gracioso conseguindo cobrir o máximo de espaço sem muito esforço; meus olhos eram oblíquos, escuros e meigos, e eu era o cão mais veloz que Emma já tivera.

No trabalho de pastoreio eu era imbatível. Quando a ilha ficava sabendo que eu e Frigg havíamos acasalado, Emma não tinha sossego tal o número de pessoas batendo à sua porta para fazer a reserva de filhotes, que eram vendidos principalmente aos turistas que se encantavam com a nossa beleza, inteligência e disposição para o trabalho. Não que os outros cães fossem menos bonitos e competentes, mas talvez fosse o coração de Emma que fizesse com que ela me visse com perfeição, fazendo com que abrisse o seu melhor sorriso quando me via. Tinha sido assim desde o dia do meu nascimento. Eu era filho de Njord e Skuld, e muito parecido com meu pai. Frigg era filha de Njord com Freyja, uma fêmea de Shetland Collie que pertencia a Albert. Dos filhotes daquela ninhada eu havia sido o primeiro a abrir os olhos, e

isso aconteceu no momento em que estava nos braços de Emma. Naquele momento que Emma consideraria mágico por toda sua vida, fora como que um visgo nos prendesse, e algo lhe dizia que aquela amizade seria para sempre. Soube de alguma forma que nunca mais se separaria de mim, e providenciou para que eu não fosse visto pelos interessados. Já assistira e ajudara muitos cães a nascerem. Alguns haviam ficado com ela e outros já haviam partido, mas algo de especial acontecera ao olhar para mim, e Emma seguiu o aviso de seu coração. E diria a cada vez que me olhasse durante toda sua vida, que ficar sem mim seria como olhar para o céu e não ver estrelas.

Enquanto nos alimentávamos com sobras de carne de ovelha e cevada, que às vezes eram substituídas por sobras de peixe, Emma foi preparar a refeição matinal para ela e para sua mãe. O pão era feito em casa, assim como o queijo de cabra, e um pouco de cereais como cevada e aveia misturados ao mel formavam a alimentação da manhã.

À noite, Emma costumava preparar um ensopado com carne de carneiro ou de peixe, acompanhado de batatas cozidas em ervas aromáticas. Às vezes as batatas eram substituídas por beterraba e acompanhadas de alguns ovos.

A sabedoria e o respeito à natureza operavam milagres. Sem a fartura natural dos lugares onde o solo é abençoado, conseguiam transformar o pouco em muito, e eram felizes assim. Esta alquimia era mais uma herança dos seus antepassados.

Capítulo 3

Emma estava preocupada com a tosa das ovelhas e olhou para o alto para verificar se havia formação de nuvens. Apesar do verão, o clima era incerto e de repente podia começar a ventania avisando a proximidade das chuvas. Mas por enquanto, apenas o que via era um falcão de pés vermelhos, andorinhas e gaivotas cortando o céu. Ao desviar os olhos do céu para a terra, deparou-se com uma colônia de painhos de cauda quadrada que se fixavam na encosta de uma das rochas que circundavam a ilha e que não ficava muito longe de seu terreno. Sorriu para a natureza se sentindo feliz pela existência das lindas aves que habitavam as ilhas, entrou e foi ver sua mãe que ainda não havia se levantado. Eu, Frigg, Njord e Skuld ficamos do lado de fora vigiando o tempo e com certeza também as aves, para não perdermos a oportunidade de corrermos atrás delas caso se aproximassem da fazenda. A qualquer sinal de tempestade Emma sabia que começaríamos a latir. A natureza sempre nos avisava quando iria mudar de humor. Emma dirigiu-se ao quarto de Elizabeth e abriu as janelas para que o ar fresco da manhã pudesse entrar e perguntou: - Como se sente hoje mamãe?

Elizabeth estava encostada no espaldar da cama e forçou um sorriso ao responder: _Querida Emma, sempre tão boa e prestativa. Devia pensar em se casar.

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

